

IV PROJETAR 2009
PROJETO COMO INVESTIGAÇÃO: ENSINO, PESQUISA E PRÁTICA
FAU-UPM SÃO PAULO BRASIL
OUTUBRO 2009

EIXO: HIBRIDAÇÃO

**O PROJETO DE PAISAGISMO COMO INSTRUMENTO METODOLÓGICO PARA O
APRENDIZADO DO PROJETO DO ESPAÇO ARQUITETÔNICO: UMA ABORDAGEM
INTEGRAL DO ESTUDO SOBRE CONSTRUÇÕES E ESPAÇOS LIVRES**

AUTOR 1: MARIO CENIQUEL

Arquiteto, Urbanista e Paisagista – FAU-UNBA – Buenos Aires – Argentina
Mestre e Doutor em Estruturas Ambientais Urbanas, sub-setor: projeto das edificações – FAUUSP – São Paulo – Brasil (1990-1996)
Professor Associado 1 – FAU-UFRJ desde 1992
Coordenador responsável da disciplina PROJETO DE PAISAGISMO 1, no conjunto de disciplinas de TRABALHO INTEGRADO 1 (quarto período) – FAU-UFRJ
Professor Catedrático Associado convidado de la Escuela de Arquitectura de la Universidad de Puerto Rico – Recinto Rio Piedras – UPRRP – San Juan/EUA (desde 2004)
Ex-docente das seguintes Instituições Universitárias: Universidade de Buenos Aires (1974), Universidade Gama Filho (1977-1983), Universidade Santa Úrsula (1990-1991), Universidade Federal Fluminense (1983), Universidade Braz Cubas (1998-2002)
Premiado com a primeira colocação nos Concursos Públicos de Anteprojeto para Edificações do Porto de Aratu (1976) e Ruas da Cidade – Belo Horizonte (2000) como Chefe de Equipe, além de outras premiações e menções honrosas, entre elas: Terminal Rodoviário de Florianópolis (1976), Prefeitura de Florianópolis (1977), SESC Nova Iguaçu (1985), Centro de Goiânia (2000), Largo da Batata (2002)

Endereço: Rua Julieta Niemeyer, 100 – São Conrado – Rio de Janeiro/RJ – CEP: 22610-190
mario.ceniquel@gmail.com

AUTOR 2: GUILHERME ARAUJO DE FIGUEIREDO

Arquiteto, Urbanista e Paisagista – FAU-UFRJ – Rio de Janeiro – Brasil
Mestre e Doutorando em Arquitetura. Linha de pesquisa: Restauração e Gestão do Patrimônio – Proarq/FAU-UFRJ
Professor Assistente do Centro Universitário Plínio Leite. Disciplinas: PAISAGISMO e PROJETO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO
Professor Substituto da FAU-UFRJ. Disciplina: PROJETO DE PAISAGISMO I

Endereço: Condomínio Vale de Itaipu, 328 – Itaipu – Niterói/RJ – CEP: 24340-140
guilfig@terra.com.br

RESUMO

O trabalho a ser apresentado configura um relato sobre a disciplina de Projeto Paisagístico I, da FAU/UFRJ, que sublinha os principais aspectos didáticos dessa atividade docente, inserida no escopo dos procedimentos acadêmicos desenvolvidos para o Trabalho Integrado I, do quarto período do curso, onde os alunos demonstram, por meio de uma intervenção abrangente, soluções de construção e paisagismo.

A investigação sobre os processos pedagógicos da arquitetura paisagística, suas estruturas teóricas e práticas e suas inter-relações integrativas com as outras disciplinas configuram, portanto, a essência do presente documento. Para tal serão ressaltados os pontos de contato entre as práticas de projeto da arquitetura não construída e da construída, menos em função dos reflexos desta sobre aquela do que por meio de propostas efetivas de projeto do espaço livre. Pelo fato de serem indissociáveis, essas práticas arquitetônicas evidenciam o eixo/atitude proposto pelo Projetar 2009 denominado *hibridação*, ressaltando a importância da emulsificação de conceitos em busca da ética e da estética arquitetônicas.

O que vem sendo praticado na disciplina em questão é, em sua essência, a consolidação de um conceito holístico em relação ao projeto. Busca-se redirecionar a visada do aluno sobre o espaço livre, fazendo-o compreender o não construído como um objeto passível de intervenção no mesmo patamar de importância do espaço determinado por pisos, paredes e coberturas, desmontando o conceito de que projetar paisagem é *fazer jardins*.

Assim sendo, estimula-se uma nova atitude do aluno frente aos desafios da disciplina, onde propostas de intervenção no espaço livre serão determinantes para a completude do projeto no que diz respeito às soluções programáticas, de desenho da paisagem e concernentes à qualificação do ambiente das cidades.

O objetivo específico a ser alcançado por meio deste documento é descrever as experiências didáticas, analisar seus resultados e propor novas perspectivas para o ensino do paisagismo.

Palavras-chave: Ambiente – Conceito – Cognição / Eixo: Hibridação

ABSTRACT

THE DESIGN OF LANDSCAPING AS A METHODOLOGICAL TOOL FOR LEARNING THE DESIGN OF ARCHITECTURAL SPACE: AN INTEGRAL APPROACH OF THE STUDY ON BUILDINGS AND OPEN SPACES

The following text configures a report about the class called Landscape Design I, of the FAU / UFRJ, which highlights the main aspects of this didactic teaching, included in the scope of academic procedures developed for the Integrated Work I, in the fourth period of the course, where students demonstrate, through a comprehensive intervention, construction and landscaping solutions.

Research on the educational processes of landscape architecture, its theoretical and practical structures and their integrative relationships with other disciplines shape, so, the essence of this document. Thus will be emphasized the points of contact between the practice of design of the built and not-built architecture through the design of open space. Because they are inseparable, these practices reveal the axis/approach proposed by Projetar 2009 called *hybridization*, emphasizing the importance of emulsification in search of concepts of architectural ethics and aesthetics.

What is being practiced in Landscape Design I is, in its essence, the consolidation of a holistic concept for the project, redirecting the target of the students about the open space in order to understand the not-built as an object at the same level of importance of the space determined by floors, walls and roof, dismantled the notion that landscape design is only to make gardens.

Therefore, it stimulates a new attitude of the student facing the challenges of Landscape Design I, where proposals for intervention in the open space will be crucial for the completeness of the project to the qualifications of the environment of cities, considering the programmatic solutions and design of landscape.

The specific objective to be achieved through this document is to describe the teaching experiences, analyze results and offer new perspectives for the teaching of landscaping.

Keywords: Environment – Concept – Cognition / Axis: Hibridization

RESUMEN

EL PROYECTO DE PAISAJISMO COMO INSTRUMENTO METODOLOGICO PARA EL APRENDIZADO DEL PROYECTO DEL ESPACIO ARQUITECTONICO: UN ENFOQUE INTEGRAL SOBRE LAS CONSTRUCCIONES Y LOS ESPACIOS LIBRES

El texto aquí presentado, constituye un relato sobre el desarrollo de la disciplina de Proyecto Paisajístico I, de la Facultad de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Federal de Rio de Janeiro – Brasil (FAU/UFRJ), que destaca los principales aspectos didácticos que suponen tal actividad docente, inserida en el conjunto de los procesos pedagógicos desarrollados para la disciplina de Trabajo de Proyecto Integrado I, correspondiente al cuarto semestre del curso, donde los alumnos demuestran, a través de una intervención global, soluciones de arquitectura, paisajismo, urbanismo y construcción.

El estudio sobre los procesos didácticos del Proyecto de Paisajismo, sus estructuras teóricas y prácticas y sus interrelaciones interactivas con las otras disciplinas integrantes del Trabajo de Proyecto Integrado I, conforman, por lo tanto, la esencia del presente documento. Para tal efecto, serán destacados aquellos puntos de contacto entre las prácticas de proyecto de arquitectura, construidas y no construidas, que constituyen, por lo tanto, el eje principal de este documento, menos en función de los reflejos de esta sobre aquella, de que por medio de propuestas concretas de Proyecto del Espacio Libre. Por el hecho de ambas ser indivisibles, estas prácticas arquitectónicas, se anexan al eje temático propuesto por el encuentro Proyectar 2009, denominado de “hibridación”, destacando la importancia de la “emulsificación” de conceptos, en la búsqueda de la ética y estética arquitectónicas.

Lo que viene a ser desarrollado en la disciplina en cuestión es, básicamente, la consolidación de un concepto *holístico* en relación al proyecto. Se busca re-direccionar la visión del alumno sobre el espacio libre, contribuyendo a que este comprenda el espacio “no-construido” como un objeto pasible de intervención en el mismo nivel de importancia del espacio determinado por pisos, paredes y cubiertas, deshaciendo el preconcepto de que proyectar el paisaje, es proyectar – fundamentalmente – “jardines”.

Siendo así, se estimula una nueva actitud del alumno frente a los desafíos de la disciplina, donde propuestas de intervención en el espacio libre serán determinantes para la totalidad del proyecto, en lo que se refiere a las soluciones programáticas del diseño del paisaje, relativos a la calificación del ambiente de las ciudades.

El objetivo específico a ser alcanzado por este documento es describir las experiencias didácticas, analizar sus resultados y proponer nuevas perspectivas para la enseñanza de paisajismo en escuelas de arquitectura.

Palabras-clave: Ambiente – Concepto – Cognición / Eje: Hibridación

1. INTRODUÇÃO

A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro propõe como estrutura curricular um processo de graduação tripartido cujo sistema encontra-se segmentado em ciclos semestrais intitulados “Fundamentação” (do 1º ao 4º período), “Aprofundamento” (do 5º ao 8º período) e “Síntese” (9º e 10º períodos). Especificamente em dois períodos letivos desta estrutura, o quarto e o oitavo, a disciplina de Projeto de Arquitetura centraliza um processo didático de interação com várias outras no sentido de proporcionar aos alunos uma visão abrangente sobre a complexidade do fazer arquitetônico. Esta atividade, desenvolvida com caráter de conclusão dos ciclos de fundamentação e aprofundamento, denomina-se “Trabalho Integrado”¹ e dela participam disciplinas com planos de aula estruturados com base na proposta institucional de interdisciplinaridade e metodologia de integração teórica e prática. Assim sendo, cabe aos professores dos referidos períodos a missão de acolherem em seus ateliês alunos ocupados em produzir objetos que demonstrem conceitos consistentes sobre as peculiaridades holísticas da ciência arquitetônica. De modo integral, portanto, busca-se construir conhecimentos que revelem soluções espaciais ricas em atributos funcionais, construtivos e plásticos como resposta a necessidades programáticas específicas. Entre os diversos desafios enfrentados pelos alunos, encontra-se um de difícil transpasse: o projeto dos espaços livres de edificação.

Objetivo específico das disciplinas de Projeto Paisagístico I e II (inseridas, respectivamente, no 4º e no 8º períodos), a elaboração arquitetônica da paisagem aparenta ser uma enorme abstração para discentes acostumados a classificar o construído como preocupação primária da arquitetura, relegando o paisagismo ao campo das composições decorativas baseadas no uso da vegetação.

A tarefa das referidas disciplinas é, portanto, fazer com que o aluno compreenda o real papel do projeto paisagístico como intermediador entre a individualidade arquitetônica da construção e a generalidade múltipla do ambiente urbano, apontando o espaço livre como um objeto que deve acumular condições qualitativas para o uso, o conforto ambiental e o embelezamento do ambiente cultural urbano.

O objeto do presente artigo refere-se à primeira aproximação dos alunos de Arquitetura e Urbanismo da FAU/UFRJ com a prática do projeto de paisagismo, paralelamente ao da arquitetura construída, ou seja, o Projeto Paisagístico I. Conforme mencionamos anteriormente, esta disciplina insere-se no processo pedagógico de interdisciplinaridade proposto pelo “Trabalho Integrado” e contribui, em parceria com a disciplina de Projeto de Arquitetura II para a proposta de projeto que os alunos elaboram no quarto período letivo. Diferentemente do Projeto Paisagístico II, que desafia os alunos do oitavo período a proporem intervenções com abrangência urbana mais ampla, o Projeto Paisagístico I trabalha na escala de vizinhança, centrado em espaço livre público de bairro e adjacente a um imóvel residencial multifamiliar ao qual se soma outro espaço livre para uso privativo dos moradores de um condomínio.

¹ Para mais detalhes sobre a estrutura curricular da FAU/UFRJ, acessar dados sobre o curso através do endereço eletrônico <<http://www.fau.ufrj.br>>. Acesso em 21 de junho de 2009.

Com base no que foi exposto, iremos relatar as atividades teóricas e práticas que conduzem atualmente o processo didático do ensino da arquitetura paisagística na FAU/UFRJ para trazer à luz os desafios enfrentados por professores e alunos no sentido de elevar ao mesmo patamar de importância da arquitetura construída as preocupações arquitetônicas referentes ao não construído. Como conclusão do presente trabalho, sugeriremos que as disciplinas de paisagismo dos cursos de Arquitetura e Urbanismo caminhem *pari passu* com as de projeto de arquitetura a fim de contribuírem de modo mais efetivo para a formação de profissionais que compreendam a abrangência da Arquitetura como agente ativo da cultura humana.

2. PARA UMA NOVA FUNDAMENTAÇÃO DOS ESTUDOS DA PAISAGEM

O presente texto surge da experiência concreta de 14 anos de ensino de projeto de paisagismo – no Brasil e no exterior – e pretende sintetizar nossa prática docente, especialmente na relação entre a qualidade de projeto arquitetônico, e a qualidade paisagística e ambiental que dele surge.

A tarefa não é fácil. Mais ainda se considerarmos que os arquitetos ainda discutem quais as etapas processuais (ou metodológicas) da criação arquitetônica, discussão que até hoje mal consegue definir e/ou estabelecer um denominador comum, em termos de fundamentos, que ajude a balizar o ensino de projeto (seja arquitetônico, paisagístico ou urbanístico).

De certa forma, a historiografia da Arquitetura Moderna Brasileira - em grande parte - enfatiza – salvo raras exceções - o momento “mágico” da qualidade da “prefiguração arquitetural - projetual”, deixando de lado (não raro, em forma pejorativa) aqueles aspectos que podem mais claramente assinalar os caminhos das escolhas criativas, e que conduzam a um projeto de qualidade: suas inserções urbanas, ambientais e paisagísticas, por exemplo, além dos aspectos expressivos e comunicacionais da forma.

A questão essencial parece, às vezes, definir uma falsa relatividade do que é um “projeto de qualidade”, conduzindo a compreender que questões metodológicas como “diagnostico, estratégias de projeto, programa de necessidades, ou zoneamento”, são instrumentos do índice de mediocridade criativa dos profissionais envolvidos, incapazes de serem detentores da “magia” que define os parâmetros criativos de qualidade.

Quando tais questões são transferidas ao ensino de projeto, se transformam – sem dúvida – em amarras arrogantes do que os futuros profissionais podem atingir em termos de qualidade projetual, transformando-se numa visão elitista do que pode vir a ser um “bom profissional”, restando tal possibilidade somente aos “iluminados”.

Em função dessas questões, e mais outras que da temática surgem, que há 15 anos decidimos encarar uma reformulação dos cursos de paisagismo na FAU/UFRJ, visando conceituar qual o papel do ensino de paisagismo num curso de arquitetura, como forma de contribuir para a consolidação do tripé fundamental que, em nosso entender, deveria estruturar o **conhecimento**

arquitetônico (em geral e na sua formação), alicerçado em três grandes áreas indivisíveis, a saber;

1. **O CONSTRUCTO** (O EDIFÍCIO – A ARQUITETURA);
2. **O VAZIO** (A PAISAGEM - O PAISAGISMO);
3. **O CONJUNTO DOS DOIS ANTERIORES** (A CIDADE - O URBANISMO e O DESENHO URBANO)

Entendido que é o arquiteto um dos agentes que – de fato – mais atua na configuração do espaço humano – conscientemente ou não – resulta obvio que hoje em dia não há mais espaço no mundo para formação de tais profissionais sem uma clara visão das repercussões que suas ações têm na qualidade do espaço habitável do homem como um todo.

Porém, ao contrário de como muitas vezes se pensava a questão do paisagismo em escolas de arquitetura, deve se deixar bem claro que tais cursos – os de paisagismo – antes de se aterem a uma visão enciclopedista da questão, alienada em seu próprio campo específico, devem visar à formação de melhores arquitetos, e não paisagistas.

E, quando pensamos de tal maneira, imaginamos certo “enquadramento arquitetônico e urbanístico do paisagismo”, na medida em que as três grandes áreas que compõem o conhecimento do arquiteto, não podem se furtar da *atividade-fim* que os origina, a saber, o projeto e o desenho.

Em última análise, nosso objetivo principal de tal reformulação didática do ensino de paisagismo, foi a de produzir melhores edifícios e – conseqüentemente - melhores cidades, através da produção de áreas livres de qualidade integradas ao volume construído da cidade.

Logicamente, não poderíamos deixar de mencionar que tal visão começou há quase trinta anos na FAUUSP através da professora Dra. Arquiteta Miranda Martinelli Magnoli, através de cujo esforço se forma – posteriormente- o GDPA (Grupo de Disciplinas da Paisagem e do Ambiente) desta instituição, que em muito contribuíram – tanto em São Paulo, como no resto do país para reformular o ensino de paisagismo em escolas de arquitetura, consolidado nos ENEPEA's (Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura) de freqüência bi-anual.

Outrossim, resulta paradoxal observar que a cidade que foi berço do que talvez seja o mais importante paisagista do século XX – Roberto Burle Marx – jamais encontrou a correspondência de equivalente qualidade na área dos estudos da paisagem nas escolas de arquitetura.

E isto é facilmente comprovado no ensino das escolas cariocas, por uma dominante filosofia “compositiva” do paisagismo como conhecimento autônomo, e fortemente alienado do tripé conceitual que mencionávamos anteriormente.

Tal postura, que privilegiava uma visão bi-dimensional do projeto, com ênfase na forma e na vegetação, fragmentava o produto final do espaço proposto (arquitetura, urbanismo e paisagismo), deixando à “intuição criativa” e/ou sensibilidade do autor, a capacidade de integrar suas propostas ao restante do espaço.

Bastante característico desta postura, é observar o tipo de peças de desenho que eram produzidas para apresentar tais propostas, nas quais dominavam – exclusivamente – as plantas baixas, lista de espécies utilizadas, e cortes representativos de alguns detalhes de obras civis. Maquetes ou perspectivas – quando apareciam – raramente faziam parte do processo criativo ou representavam visões ao nível do pedestre/usuário, pois objetivavam somente a apresentação final do projeto.

Temporalmente, o paisagismo, no processo de criação, entrava na fase de “acabamento final do projeto de arquitetura”, como ornato ou decoração, sobre o qual o arquiteto pouco ou nenhum controle teria, enquanto produto final.

2.1. Origens do conceito

Entendemos que o grande divisor de águas, que começa a delinear uma nova filosofia projetual em paisagismo – ao menos em nosso país e na FAU/UFRJ – é a visão tridimensional da paisagem. Isto engloba tanto a qualidade e definição dos espaços abertos propostos, aliadas a um estudo programático mais rigoroso, quanto o conseqüente uso do elemento vegetal a partir de seus atributos volumétricos – divididos em estratos vegetais – como forma de “construir” tais espaços.

Essa modificação conceitual, que se origina – em nosso país – na FAUUSP, só pode ser conseguida ao estabelecer um certo paralelismo na condição espacial da arquitetura, da cidade e da paisagem, entendendo que esta tridimensionalidade só se atingiria com a definição dos seus planos básicos: *planos horizontais (piso e “teto”) e plano vertical (vedações)*. (LAURIE, 1983)

Ainda em termos de novos fundamentos das questões da paisagem a serem levadas em consideração, registramos sua condição de **mutabilidade permanente** – de diferentes tipos – e a constatação que a paisagem e o paisagismo, desde os primórdios da história da humanidade, foi sempre – em primeiro lugar – uma construção do pensamento humano, sensível às re-leituras que o próprio homem faz da Natureza, em diferentes momentos da evolução da cultura.

Assim a intervenção, preservação ou recuperação na natureza, acaba se transformando numa verdadeira metáfora desta, o que nos permite uma boa leitura – assim como a arquitetura e a cidade - das visões cosmológicas do homem em cada época, através do grau, qualidade e tipo das ações antrópicas que dominaram cada proposta.

Isso fica mais evidente quando nos referimos ao paisagismo urbano, cuja história está fortemente ligada à cidade moderna, e a incorporação do espaço urbano ao cotidiano das pessoas, muito além do simples ir e vir ou ainda da praça medieval, caracterizada esta muito mais – até então – como um espaço de socialização, totalmente dissociada de qualquer componente verde e da sua conceituação de “jardim”, como com freqüência (e erroneamente) é definida no presente.

A realidade é que a adoção da definição de paisagem que adotamos – ...“*manifestação física e visual do ambiente em que vivemos*”...., (MACEDO, 1999) – que surge do anteriormente mencionado, tende a direcionar o aluno de arquitetura, a respeito das questões da paisagem, para

uma visão muito mais antropológica do que simplesmente visual, embora seja a visualidade sua condição mais notável, ou seja, **o espaço do cotidiano**.

Portanto, **Espacialidade, Mutabilidade e Significado**, são alguns dos atributos notáveis do Projeto Paisagístico, que transformam o arquiteto num dos profissionais mais qualificados para entender, onde residem as ferramentas metodológicas para agir nesse campo disciplinar, que em muito se aproximam as mesmas utilizadas no projeto de arquitetura, nos fornecendo o marco referencial mais adequado para aliar os dois num mesmo processo.

3. O PAISAGISMO COMO UMA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA E PROJETUAL

O histórico de nossa reformulação do ensino de paisagismo na FAU/UFRJ passa por dois grandes momentos, que consideramos importante mencionar, como forma de entender o momento atual.

Em primeiro lugar, deve se destacar o fato de que os autores deste artigo, sempre estiveram envolvidos na prática e no ensino de projeto de arquitetura, paralelamente ao ensino de paisagismo.

Por isso, nossa experiência na orientação de trabalhos de projeto de arquitetura, nos mais variados níveis, nos levou a compreender a importância de poder também controlar a orientação da fundamentação em paisagismo. Tal fator era de suma importância para dar embasamento conceitual ao projeto em sua totalidade.

De 1993 a 2004, os cursos de Projeto Paisagístico I, foram orientados em três grandes eixos conceituais e temáticos:

1. Os Fundamentos;
2. A Visão Histórica da Paisagem;
3. O Projeto Paisagístico

Neste período, o curso de paisagismo era autônomo em relação aos outros cursos de projeto, no contexto da antiga grade curricular, isolada de Projeto de Arquitetura.

No que se refere aos dois primeiros eixos (Fundamentos e Visão Histórica da Paisagem) não iremos nos deter em mais considerações além das que formulamos inicialmente neste documento. Mas quanto ao terceiro – o projeto da paisagem – devemos tecer algumas considerações básicas no que se refere aos procedimentos e metodologias utilizados para conduzi-lo.

3.1. O Método e seus procedimentos

Em face da Fundamentação geral adotada, que privilegiava a visão tridimensional do espaço paisagístico, foram introduzidos alguns recursos oriundos da área de desenho urbano, principalmente o conceito de “visão serial” de **CULLEN, G. (1983)**, a estruturação da imagem da cidade a partir dos estudos de **LYNCH, K. (1997)** e os estudos sobre os atributos da forma a partir do processo de percepção, segundo a leitura que destes aspectos faz **ARHEIM, R.(1980)**.

Visava-se, neste sentido, introduzir o aluno nos mecanismos de leitura do espaço aberto e dos processos seletivos de percepção que conduzem aos mecanismos de fixação da memória, ao longo de um dado percurso (tempo).

Por tabela, pretendia-se que o aluno entendesse quais são os elementos que contribuem para a configuração do espaço livre (isto é, sua tridimensionalidade), que – ao contrário do projeto de arquitetura - representava uma grande dificuldade de compreensão, e quebrar o preconceito habitual de interpretar tais espaços livres como simples “vazios e/ou sobras”.

Pretendia-se, portanto, desenvolver uma metodologia de análise e pesquisa pela linguagem do desenho, antes que pela coleta de dados quantitativos, seja para análise das áreas a serem tratadas – através do estudo das potencialidades e desajustes – como para estudo de referências de projeto e a verificação posterior do próprio projeto.

A partir deste arcabouço conceitual, conseguimos transformar o processo – por vezes tedioso – de análise de potencialidades, análise de referências projetuais, formulação de diagnósticos, hipóteses de trabalho e diretrizes projetuais, num produto rico, dinâmico, objetivo e – principalmente – operacional. Tal produto, por sua seletividade, conduzia à materialização bastante rigorosa do programa de necessidades, tanto qualitativa como quantitativamente, e conseqüentemente à espacialização do mesmo, resumida no zoneamento geral.

3.2. O Gesto e o Projeto da Paisagem

A operacionalidade e seletividade – antes mencionadas – no processo de preparação preliminar do projeto são conseguidas, em boa parte, pela introdução do desenho como sistemática de pesquisa, vinda pelas mãos das teorias adotadas para alicerçar o trabalho como um todo (**CULLEN-LYNCH-LAURIE-ARHEIM**). Esta tarefa permite ao aluno chegar sem grandes traumas e com uma boa compreensão do problema de projeto apresentado, ao menos até o estudo do zoneamento.

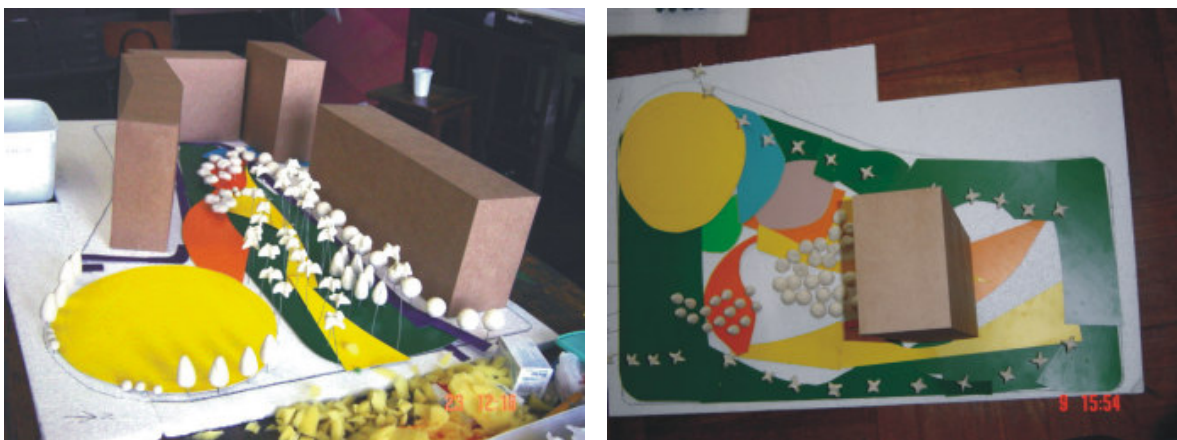
Porém, a partir deste momento, como em qualquer processo criativo, encontra-se o estágio “mágico” que com freqüência os teóricos de processos e metodologias de projeto denominaram de “caixa preta”, ou seja, o momento em que se processa a síntese que ira originar um produto projetual específico e único.

É o momento do gesto pessoal, conseguido a partir de escolhas do autor, e que com não pouca freqüência se transforma no verdadeiro momento dramático do processo, e pode marcar um andamento de sucesso ou de fracasso.

Por outro lado, era de suma importância ressaltar a espacialidade ou tridimensionalidade do produto final, para evitar que voltasse a se cair nos velhos vícios das escolas de arquitetura, nas quais o aluno destinava até 90% do seu tempo de trabalho a trabalhar a “planta baixa”, ou seja, retornar a visão bidimensional do produto.

É neste ponto que introduzimos uma nova sistemática de trabalho, baseados numa série de exercícios de agilização projetual em atelier, denominamos de Exercícios de Estruturação

Morfológica (**figuras 1 e 2**), a partir dos quais, mediante a utilização de modelos tridimensionais simples, em escala, de grupos de elementos vegetais representativos dos estratos vegetais básicos, papéis coloridos e edificação existente, se pretende formular varias propostas de materialização do Zoneamento (o Plano de Massas), inibindo totalmente o uso de qualquer desenho bidimensional prévio.



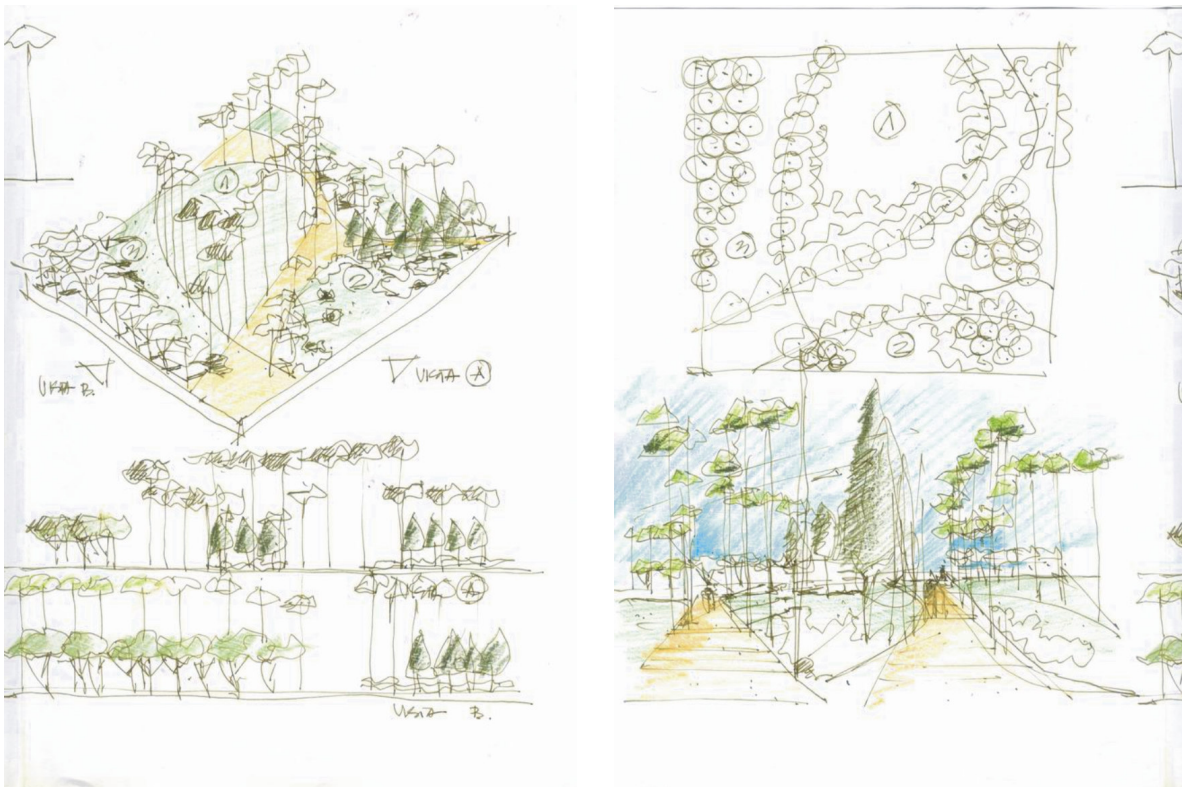
Figuras 1 e 2: Maquetes produzidas pela aluna Lina Motta para o exercício de Estruturação Morfológica.
FONTE: Fotos do Prof. Mario Ceníquel

A idéia consiste em estimular o aluno a estudar varias possibilidades (de 5 a 10) de propostas em três dimensões, para só depois registrar a proposta através de desenhos bidimensionais, invertendo o processo habitual de projeto que com frequência comandam os ateliês de projeto nas faculdades de arquitetura.

Sem duvida que este processo que, inicialmente, era feito à mão (**figuras 3 e 4**), muito evoluiu hoje em dia, com a incorporação dos recursos digitais (máquinas fotográficas) e de computação gráfica (particularmente o *Sketchup*), que permitem um maior numero de propostas em menos tempo durante a duração das aulas, ao agilizar o processo de registro das propostas e sua elaboração com modelos tridimensionais.

Um fenômeno peculiar deve ser anotado neste processo: inicialmente, as primeiras propostas demoram muito tempo, muito mais por indecisão do próprio aluno tentando atingir um resultado ótimo ou definitivo logo de início, tempo este que vai gradativamente se reduzindo ate o fim de cada ateliê do exercício, o que demonstra uma melhor compreensão, por parte do aluno, do sentido do exercício.

Por outro lado, nota-se claramente a dificuldade – inicialmente – da visualização espacial e/ou tridimensional do projeto, o que transforma este processo num verdadeiro curso de “**alfabetização espacial**”, do tipo: “**Penso em 3D, logo existo em 2D**”...



Figuras 3 e 4: Exemplos de croquis produzidos como representação dos espaços estudados no exercício de Estruturação Morfológica.
 FONTE: Prof. Mario Ceniuel

Outras vezes, também, acontece que alguns alunos até voltam atrás na reformulação do Zoneamento e até do próprio Programa de Necessidades, como parte natural do processo de ajuste do Plano de Massas – Estudo Preliminar do Projeto Paisagístico Final.

3.3. A Integração do Projeto Paisagístico I, no Trabalho Integrado I

A partir de 2006, dentro do contexto da reforma curricular, a disciplina de Projeto Paisagístico passou a se dar integrada com um conjunto de varias disciplinas – Projeto de Arquitetura, Estruturas, Instalações Prediais, Sistemas Construtivos, etc - denominada como Trabalho Integrado I, correspondente ao quarto período do curso de Arquitetura da FAU/UFRJ.

Sendo obrigados a estabelecermos uma sincronia de calendários de aulas e entregas, como forma de garantir qualidade de resultados, o sistema proposto por nossa disciplina ao longo desses anos se mostrou bastante versátil para se adaptar a nova situação, que simultaneamente desenvolvia o projeto global tanto da edificação, quanto das áreas externas.

Consideramos, na ocasião, que era necessário redobrar os esforços nos aspectos metodológicos e processuais, assim como a forma de definição dos diferentes estágios do projeto, como um todo. Isto deu pelo fato de que toda a parte de Fundamentos e Visão Histórica da Paisagem foi re-alocada em outra disciplina previa denominada Analise da Forma Urbana e da Paisagem, preparando os alunos para Projeto Paisagístico a fim de poder trabalhar melhor e de uma forma mais abrangente o mesmo.

Concomitante, como anteriormente dito, foram incluídas algumas informações e exigências que visavam ter um maior controle do processo e ao mesmo tempo contribuir a um melhor gerenciamento do trabalho por parte dos alunos, particularmente no que se refere ao nível de definição do Zoneamento e do Plano de Massas, sem abrir mãos dos outros exercícios mencionados anteriormente, especialmente, o exercício de agilização de Estruturação Morfológica.

Em relação ao Zoneamento foi exigida uma definição não só gráfica, mas também escrita do mesmo, de forma tal que os alunos enunciassem da forma mais clara e explícita **os atributos espaciais de cada setor ou zona do projeto.**

Já no que se refere ao Plano de Massas, foi escolhida uma rotina diferente de definição, marcada por dois tipos de peças, **a primeira** das quais se refere a cortes e perspectivas esquemáticos e comentados – referidos na planta – que pretendem explicitar quais as principais idéias de projeto dos espaços propostos. A segunda peça se refere à mesma planta, porém definindo em formas de legendas quais as funções e atributos da morfologia vegetal a ser empregada.



Figuras 5, 6 e 7: Perspectivas do Projeto de Paisagismo do aluno Samuel Neves desenvolvidas no *software* SketchUp.
FONTE: Prof. Mario Ceniquel

No que se refere à integração com a disciplina de Projeto de Arquitetura, é com ela que encontramos as maiores dificuldades, agravado pelo fato que os professores de Paisagismo são (ou foram) professores de Projeto de Arquitetura – num dos casos, por mais de 25 anos – e tem uma clara visão do grau de interação entre ambos e uma postura filosófica bem definida.

Isto fica bem claro na definição da implantação do prédio, que nem sempre se pauta por critérios objetivos, enfatizando não raramente a visão plástica do edifício em detrimento da qualidade de acessos ou de vistas do edifício para o exterior, ou ainda da proporcionalidade do chamado “*nível de enclausuramento*” das áreas livres delimitadas pela edificação.

Contudo, é inegável a intensidade e procedência da experiência conjunta – tanto para alunos, como para professores – já que a iniciativa se insere no contexto da busca de uma visão integrada do Projeto, o que requer de todos um esforço de clarificação metodológica do processo de criação, que só bons frutos tem a oferecer na formação dos arquitetos (**figuras 5, 6 e 7**).

4. CONCLUSÃO

Pensar o Paisagismo como parte inseparável da proposta arquitetônica do mundo humano requer dos arquitetos uma compreensão aprofundada das especificidades funcionais, ambientais e estéticas do espaço livre, na sua condição tridimensional. Não como simples ocupação de superfícies não edificadas das cidades, mas sim como ambientes e lugares passíveis de qualificação programática no mesmo patamar de importância que os objetos construídos.

As melhores perspectivas didáticas nesse sentido serão sempre aquelas que considerarem o projeto paisagístico como intrínseco ao fazer arquitetônico. Para tal a FAU/UFRJ, ao incorporar o ensino do Paisagismo no escopo das atividades do Trabalho Integrado, contribui efetivamente para esse processo.

Idealmente esperamos que essa aproximação entre o Projeto de Arquitetura e o Projeto de Paisagismo possa acontecer em outros momentos do curso, tanto da referida faculdade quanto além dela, em outras instituições de ensino superior.

5. BIBLIOGRAFIA

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual**. São Paulo: Pioneira: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1980.

CULLENN, Gordon. **Paisagem Urbana**. Lisboa: Ed. 70, 1990

FRANCO, Maria Assunção Ribeiro. **Desenho Ambiental**. São Paulo: Ana Blume / FAPESP, 1997

KLIASS, Rosa G. **Parques Urbanos de São Paulo**. São Paulo: Ed. Pini, 1993

LAURIE, Michael. **Introducción a la arquitectura del paisaje**. Barcelona: editorial Gustavo Gili, S.A., 1983.

LLARDENT, L. R. **Zonas Verdes e Espaços Libres en La Ciudad**. Madrid: Instituto de Estudios de Administración Local, 1982

MACEDO, Silvio. **Quadro do Paisagismo no Brasil**. São Paulo: QUAPÁ – FAUUSP, 1999.

O CURSO. Disponível em <<http://fau.ufrj.br>>. Acesso em 21 de junho de 2009.

OKAMOTO, Jun. **Percepção Ambiental e Comportamento: visão holística da percepção ambiental na arquitetura e na comunicação**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2002

Revista Paisagem e Ambiente n^{os} 3, 4, 5 e 6. São Paulo: Publicação FAU/USP, 1990/92.

6. LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figuras 1 e 2: Fotografias do trabalho da aluna Lina Motta produzidas pelo Professor Mario Ceniquel.

Figuras 3 e 4: Croquis produzidos pelo Professor Mario Ceniquel.

Figuras 5, 6 e 7: Imagens produzidas pelo aluno Samuel Neves no software SketchUp. Fonte: Professor Mario Ceniquel.